

A Pedagogia Rikbaktsa em diálogo permanente com seus espaços socioeducativos

Pedagogy Rikbaktsa in permanent dialogue with its socio-educational spaces

Elani dos Anjos Lobato¹
Adailton Alves da Silva²

RESUMO

Este trabalho é um recorte da pesquisa de mestrado realizada com o povo Rikbaktsa nas aldeias Primavera, Segunda, Segurança e Beira Rio, pertencentes à Terra Indígena Erikpaktsa, localizadas no município de Brasnorte, no Estado de Mato Grosso. A pesquisa traz a configuração dos resultados do diálogo estabelecido entre a Pedagogia Rikbaktsa e os espaços socioeducativos do povo. Nesse propósito, o objetivo deste artigo é evidenciar a estrutura pedagógica que se configura a partir das relações entre seres, saberes e fazeres Rikbaktsa em seus espaços de produção do conhecimento original e, a partir da Etnomatemática do povo, destacar o modo próprio de organizar o pensamento, sistematizar os conhecimentos e difundir entre as gerações mais novas os saberes e fazeres que especificam a cultura e singularizam esses seres que habitam a bacia do Juruena. O contexto da escrita apresenta a postura etnográfica adotada como procedimento metodológico que direcionou o caminho percorrido na pesquisa, para a produção dos dados que foram discutidos sob as perspectivas dos autores que versam sobre a temática em pauta. Como resultado, apresentamos a configuração da Pedagogia Rikbaktsa, a partir de uma necessidade de natureza individual ou coletiva, centrada no interesse do aprendiz e não de quem ensina.

Palavras-chave: Educação Indígena. Aprendizagem. Ensino. Educação Etnomatemática.

ABSTRACT

This work is an excerpt from the master's research carried out with the Rikbaktsa people in the villages Primavera, Segunda, Segurança and Beira Rio, belonging to the Erikpaktsa Indigenous Land located in the municipality of Brasnorte, in the State of Mato Grosso. In it we bring part of the results of the dialogue established between Pedagogia Rikbaktsa and the socioeducational spaces of the people. In this regard, the objective of this article is to highlight the pedagogical structure that is configured based on the relationships between beings, knowledge and Rikbaktsa actions in their spaces of production of original knowledge and, based on the group's Ethnomathematics, highlight the proper way of organizing thought, systematize the knowledge and spread among the younger generations the knowledge and practices that specify the culture and singularize these beings that inhabit the Juruena basin. The writing context presents the ethnographic posture adopted as a methodological procedure that guided the path taken in the research, for the production of the data that were discussed under the perspectives of the authors who deal with the theme in question. As a result, we present the configuration of Rikbaktsa

¹ Mestre em Ensino de Ciências e Matemática, Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil, lobatoelani@gmail.com

² Doutor em Educação Matemática, Professor Titular da Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil, adailtonalves5@uol.com.br.

Pedagogy based on a need of an individual or collective nature, centered on the interest of the learner and not of the teacher.

Keywords: Indigenous Education. Learning. Teaching. Ethnomathematics Education

INTRODUÇÃO

A pesquisa justifica-se ao evidenciar a identidade Rikbaktsa por meio da Pedagogia Indígena. Esse grupo dialoga permanentemente com seus espaços socioeducativos, ao materializar os saberes originais e os fazeres tradicionais do povo, por meio dos seus artefatos e mentefatos. Isso traz possibilidades didático-pedagógicas que poderão ser aplicadas na escola, utilizando-se da Educação Etnomatemática para destacar essa riqueza cultural ao vivenciar conhecimentos matemáticos efetivos, frutos das práticas da Educação Indígena.

Sob a ótica de autores que versam sobre a Educação Indígena, Educação Escolar Indígena, Educação como prática da liberdade e Educação Etnomatemática nos debruçaremos sobre o tema em estudo. A escrita deste trabalho pautou-se em apresentar a Pedagogia Rikbaktsa que se constitui na busca do aprendiz pelo mestre que lhe ensinará algo, que é do seu interesse, para ser aplicado num fim específico ou para resolver problemas de cunho individual ou coletivo (LOBATO, 2020).

O ato do aprender só faz sentido se houver uma necessidade de aplicação efetiva, ligada ao tempo, ao espaço e ao compreender algo para fazer o que é necessário a uma ação específica, desenvolvendo estratégias matemáticas próprias nessa dimensão educativa. Nesse sentido, D'Ambrosio (2017, p. 82) afirma que “a Matemática é uma estratégia desenvolvida pela espécie humana ao longo de sua história para explicar, entender, manejar e conviver com a realidade sensível e perceptível dentro do contexto natural e cultural”.

O pensamento matemático, aliado à percepção do mundo que o cerca, faz o sujeito Rikbaktsa desenvolver técnicas que resultam na produção de artefatos que trazem em sua arquitetura modos operacionais específicos, fruto de um modo próprio de fazer e externalizar saberes materializados por meio do produto manejado, aprendidos com seus ancestrais.

Nesse movimento operacional, “a Educação Matemática como prática da liberdade, numa perspectiva Etnomatemática, promove o conhecimento mútuo entre homem e homens, numa dinâmica em que” (LOBATO, 2020, p. 9). Para Freire, (1967, p. 6) “a liberdade é concebida como o modo de ser o destino do Homem, mas por isto mesmo, só pode ter sentido na história que os homens vivem”. O processo de interação por meio de observação, análise e reflexão entre homem e natureza num processo de experienciar fenômenos naturais impulsiona a

materialização de saberes e de fazeres produzidos pelos processos de geração, organização e difusão do conhecimento no sistema cultural Rikbatsa entre homens e mulheres desse povo.

Autores que trataram sobre a Educação Etnomatemática a apresenta como “uma postura de Educação holística socialmente contextualizada que problematiza a realidade como ponto de partida numa consciência de que os diversos grupos humanos sucessivamente se aplicaram às atividades matematizantes” (LOBATO, 2020; p. 22). Para Vergani (2007), a educação etnomatemática é uma estratégia ética de estímulo ao desenvolvimento individual e sociocultural que se pauta numa perspectiva antropologicamente dinâmica.

Na perspectiva dessa autora, a Educação Etnomatemática estrutura-se a partir de uma compreensão vivencial, em que se situa como uma proposta singularmente globalizante de educação transdisciplinar e transcultural, que atenta às especificidades socioculturais e se debruça sobre a alteridade dos processos cognitivos, psicoemocionais, comportamentais e práticos (VERGANI, 2007).

1.1 Materiais e Métodos

O caminho percorrido, ao longo da pesquisa, trouxe-nos a possibilidade de compreender a organização epistemológica da Pedagogia Rikbaktsa, a partir da produção de dados que foi delineada sob uma postura etnográfica.

A pesquisa se estruturou por dois caminhos: uma revisão bibliográfica, atinente às literaturas produzidas, referentes à temática abordada na pesquisa e a investigação em campo, por meio da imersão etnográfica no contexto do povo pesquisado em seu ambiente natural/social/cultural. O estudo visou a compreensão dos aspectos pedagógicos, culturais, sociais, econômicos, políticos, entre outros que permitissem identificar elementos para caracterizar a pedagogia Rikbaktsa, a partir da percepção dos sujeitos investigados, com base na Educação Indígena, que é alicerce de todo saber e fazer que emana do povo.

Por conseguinte, estudamos ancorados na Educação Etnomatemática, sobretudo, em Ubiratan D’Ambrósio, devido à sua importância para a propagação dessa teoria no país, na América Latina e no mundo concatenando os conhecimentos adquiridos para atender ao propósito da pesquisa em pauta. De acordo com essa intenção, as produções relacionadas com a Etnomatemática, Educação Indígena e Antropologia serviram como alicerce desse estudo, tendo em sua base literaturas como: Melià (1979); Freire (2019, 2014, 2013, 2011, 2005, 2000, 1980 e 1967); Carvalho (1991); Santos (2002); Vergani (2007); D’Ambrosio (2017, 2009a,

2009b, 2005, 1993 e 1990); Arruda (2003a, 2003b e 1992); Silva (2013 e 2006); Taffarel (2018); entre outros.

Esses estudos possibilitaram o embasamento científico, balizando e sedimentando a pesquisa. Considerando as discussões teóricas bibliográficas apresentadas, foi possível perceber o quanto essas corroboraram para a compreensão dos modos de saber e de fazer na apropriação das práticas culturais que vêm sendo desenvolvidas e executadas ao longo da existência do povo. Percebemos ainda, por meio da postura etnográfica, as marcas da identidade e da cultura indígena Rikbaktsa, enxergando por que se faz assim e não de outro jeito. Vislumbramos também, a organização intelectual, social, assim como seus comportamentos humanos. Nesse foco, D'Ambrosio (2009a) destaca que

[...] o Programa Etnomatemática: Se nutre da pesquisa etnográfica e, fundamentalmente, de entender a geração, a organização intelectual e social, e a difusão do conhecimento e comportamento humanos, acumulados com um “ciclo helicoidal”, ao longo da evolução das diversas culturas, em busca da satisfação das pulsões básicas de sobrevivência e transcendência (D'AMBROSIO, 2009a; p. 20).

A sustentação teórica foi gerada pelo elo entre o referencial da Etnomatemática, em diálogo com a Pedagogia Freireana, articulada aos aspectos da Pedagogia Rikbaktsa. O conjunto resultou em uma proposta transdisciplinar dinâmica fruto de uma epistemologia complexa que uniu a realidade local e os níveis de percepção dos sujeitos que dela participam. Esse procedimento teve âncora em Nicolescu (1999) que afirma:

A epistemologia da complexidade, como elemento constitutivo da matriz geradora da transdisciplinaridade, nos informa que ela é produto de uma dinâmica que envolve a articulação do que acontece nos níveis de realidade e nos níveis de percepção dos sujeitos, produto de uma lógica ternária que trabalha a passagem do conhecimento de um nível de realidade a outro, bem como da complexidade estrutural que nos revela que toda identidade de um sistema complexo é sempre um processo de vir-a-ser (NICOLESCU, 1999; p. 59).

Ao considerarmos essa estrutura, ainda buscamos concatenar dentro da epistemologia transdisciplinar e transcultural, a Educação Etnomatemática para explicar o fazer produtivo, bem como, o conjunto de conhecimentos originais do povo Rikbaktsa, considerando o sistema complexo em que essa se dá, entendendo que a brevidade do tempo nos leva a limitar nossas pretensões, ficando aqui a abertura para futuros estudos.

No que se refere à pesquisa de campo, essa foi de natureza qualitativa, de cunho etnográfico e utilizou as técnicas de observação. Fez uso de métodos e de instrumentos de investigação para a produção de dados com base em cinco encontros para diálogos naturalmente efetivados no cotidiano Rikbaktsa, por meio de depoimentos, desenhos, documentos fotográficos e gravação

de áudios. Utilizamos ainda de outra forma de registro, como o caderno de campo, conforme orienta Fantinato (2004).

Para que se busque um certo rigor na etnografia, alguns cuidados devem ser tomados. Um deles é procurar registrar o máximo que se pode, sobretudo no início da investigação, quando estamos ainda muito influenciados por nossas próprias concepções prévias. Esses registros podem ser feitos por meio de diário de campo, gravação de entrevistas, filmagem, documentação fotográfica, entre outras técnicas de coleta de dados (FANTINATO, 2004; p. 44).

A fim de garantir o rigor do caráter etnográfico, fizemos a imersão no contexto Rikbaktsa, ao nos imbuir do ver, do ouvir, do sentir e da participação efetiva na vida do povo, conforme orienta Eckert e Rocha (2008).

A pesquisa etnográfica constituindo-se no exercício do olhar (ver) e do escutar (ouvir) impõe ao pesquisador ou a pesquisadora um deslocamento de sua própria cultura para se situar no interior do fenômeno por ele ou por ela observado através da sua participação efetiva nas formas de sociabilidade por meio das quais a realidade investigada se lhe apresenta (ECKERT E ROCHA, 2008; p. 2).

Não obstante ao fato de conviver com os Rikbaktsa, desde a década de 1990, o estar como pesquisadora assumiu um caráter diferente tanto na minha abordagem para com eles quanto deles para comigo. Percebemos que o agir no tratamento da forma que estávamos dando adquiriu uma configuração que antes não havíamos experienciado. (LOBATO, 2020, p. 76). Estar entre o povo participando do seu dia a dia foi imprescindível para compreender a dinâmica que alicerça a Pedagogia Rikbaktsa, sob a concepção de quem aprende, de quem ensina, o que ensina, quando ensina e para que ensina e o porquê se busca aprender. Essa compreensão foi possível a partir da imersão de natureza etnográfica.

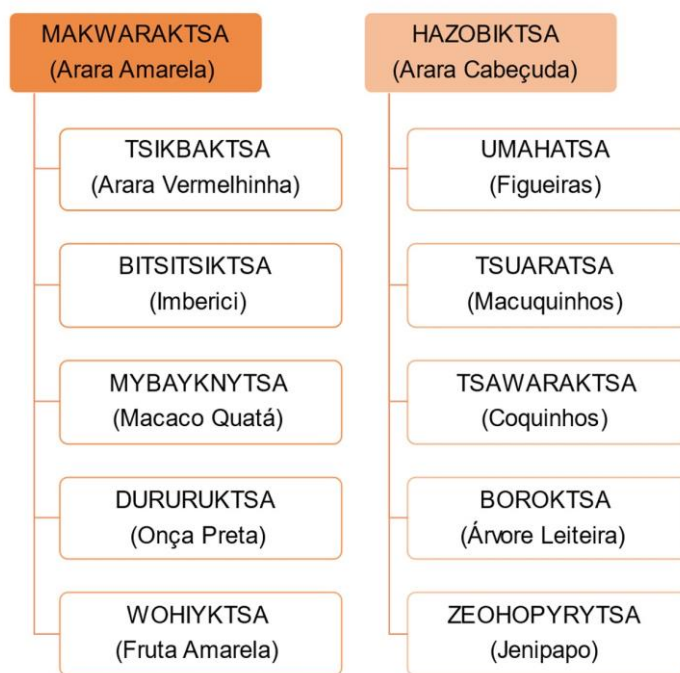
1.2 Resultados e Discussão

Os Rikbaktsa são um povo indígena com aspectos bastante interessantes ao se pensar em seu contexto de habitação. Localizados numa área geográfica de predominância do tronco linguístico tupi, os Rikbaktsa são os únicos dessa região pertencentes ao tronco Macro-Jê e falam uma língua específica, nomeada com o próprio nome do povo, isto é, Rikbaktsa (RODRIGUES, 2013).

O povo está organizado em trinta e seis aldeias, distribuídas em três terras indígenas denominadas, respectivamente, em TI Escondido, no município de Cotriguaçu, TI Japuira no município de Juara e a TI Erikpaktsa, no município de Brasnorte. Habitam a região dos altos cursos dos rios Juruena, Sangue e Arinos numa área que no passado era de cerca de cinco milhões de hectares (DORNSTAUDER, 1975, p. 2; ARRUDA, 1992, p. 105). No entanto, a colonização do homem não indígena, ao ocupar parte desses territórios para a exploração da borracha nas décadas de 1960 e 1970, levou à redução significativa de suas áreas de ocorrências.

A organização social do povo Rikbaktsa se estabelece por meio de dois clãs principais: *Makwaratsa* ‘arara amarela’ (Ara ararauna) e *harobiktsa* ‘arara cabeçuda’ (Ara chloroptera). Essas duas metades são, por sua vez, constituídas por vários clãs, designados pelo nome do clã principal (ATHILA, 2006), ora se forma por um animal, ora por um vegetal, mantendo um elo singelo com esses elementos dos reinos animal e vegetal, marca indispensável da floresta amazônica, habitação efetiva dessa etnia mato-grossense (LOBATO, 2020, p.55). Em consonância com a Figura 1.

Figura 1: Organização social do povo Rikbaktsa



Fonte: LOBATO, 2020.

Segundo Santos (2000, *apud* Pires, 2012), essas metades podem ser identificadas pelo grafismo impingido nas peles Rikbaktsa que se pintam a partir do clã de pertencimento, conforme pode ser verificado pela assertiva, sendo marca intrínseca em tempos de cerimônias:

[...] as metades e seus respectivos clãs estão associados a certos motivos gráficos aos quais cada indivíduo se reconhece enquanto pessoa e sujeito social. As pinturas não são usadas no dia a dia, aparecendo apenas durante o tempo de cerimônias rituais, quando cada um é pintado, corpo e rosto, por alguém do seu próprio patri-clã, sobretudo por um irmão (SANTOS, 2000, *apud* PIRES, 2012; p. 64).

Nessa abordagem dos clãs, o povo Rikbaktsa constitui-se como uma sociedade organizada pela divisão de duas metades exogâmicas, cuja configuração inicial é formada por uma unidade social atrelada a um ancestral comum por laços de descendência. Fato que, para Hahn (1976), trata-se de uma relação de descendência Patrilinear (agnática), ou seja, a mãe não consiste em

elemento de ligação, mas somente os pais dão origem à formação parental que, nesse caso, pode ser incluído na descrição de Castro (1986) que diz:

De forma restrita, as organizações dualistas ou sociedades organizadas em metades (moieties), i.e., sociedades que classificam a totalidade ou parte de seus membros (quando parte em geral os homens) em duas metades complementares. Essas metades podem ter por função regular as trocas matrimoniais (metades exogâmicas, que em certos casos se subdividem em clãs e linhagens) as trocas econômicas, a distribuição e o desempenho de papéis cerimoniais, as funções de autoridade política e vários outros aspectos da vida social. Em muitos casos, as metades partilham o universo em elementos afetos a cada um (CASTRO, 1986; p. 373).

A descrição de Castro (1986) converge para a organização da unidade social Rikbaktsa que se estrutura por duas metades complementadas por clãs e suas linhagens.

As Festas, os ritos e as cerimônias Rikbaktsa são marcados por essas metades clânicas que assumem papéis distintos nos procedimentos e se pintam para definirem seus lugares de atuação em cada evento. Filhos e filhas são pertencentes sempre ao clã do Pai. Não obstante, ao clã de pertencimento, homens e mulheres têm funções distintas e nos cerimoniais aglutinam-se separadamente, para dançarem, comerem, prepararem os ritos, reunirem-se em torno de uma decisão coletiva.

A Educação Indígena permeia todos atos simbólicos e físicos do povo, numa urdidura em que os fios dessa trama determinam o ser Rikbaktsa por meio de suas especificidades em que estas permeiam o modo que se compreende o mundo, traçando fio a fio as teias que os unem a um modo próprio de ser, de saber e de fazer, estruturando seus costumes e, conseqüentemente, a sua cultura, tecidos no cotidiano entre as relações do grupo indígena. Nessa perspectiva, Silva (2013), afirma:

Pensar a cultura é pensar como se produz, como se sistematiza e como se compartilha valores, princípios, verdades, significados no interior de um grupo social específico, e deste com outro(s) grupo(s) também específico(s). Podemos dizer que cultura é teia, é trama que se tece no cotidiano das relações sociais dos indivíduos e dos grupos. Portanto, não existe uma sociedade, uma economia, uma política, uma religião e uma cultura. Existem teias e tramas ordenadas e ordenadoras de significados e de orientação de conduta e das relações entre os homens e a natureza e entre eles (SILVA, 2013; p. 34).

Os meninos aprendem com o pai, tios, avôs e irmãos mais velhos, antigamente no *Mykyry* (casa de aprendizagem do homem). As meninas aprendem em casa, com as mães, avós, tias e irmãs mais velhas. Quando se casam, os homens sempre vão para a casa dos sogros e os homens que têm mais filhas, suas famílias são maiores e seus clãs são mais fortalecidos. As formações das aldeias e seus tamanhos também estão relacionadas aos casamentos entre as metades clânicas e as relações de parentescos que se estabelecem a partir dos acordos estabelecidos pelas uniões matrimoniais (ATHILA, 2006). “Dessa forma, o indivíduo é preso na malha cultural do grupo

a que pertence e é submetido às normas, valores e princípios estabelecidos pelo próprio grupo” (SILVA, 2013, p. 35).

Todos possuem a obrigação de cuidar, ouvir, respeitar os anciãos e anciãs, pois neles estão concentrados os saberes originais e fazeres tradicionais que sustentam a cultura do povo. Esses anciãos e anciãs serão chamados sempre que alguém deseja ou precisa aprender algo, tirar dúvidas ou se valer de um conhecimento para a resolução de um problema de cunho individual ou coletivo.

1.3 A Estrutura da Pedagogia Rikbaktsa

A imersão de postura etnográfica permitiu por meio da produção de dados compreender o processo de ensino e de aprendizagem do Rikbaktsa, o qual se organiza a partir de uma necessidade do aprendiz em consonância com o espaço onde se dará o aprendizado e o tempo necessários estipulados por quem ensina, mas que não estabelece um fim para quem aprende. Fato que pode ser observado nos quadros 1 e 2 apresentados na sequência.

Quadro 1: Pedagogia Rikbaktsa – Amostra do processo de ensino e de aprendizagem das mulheres Rikbaktsa

Quem ensina?	Avós, mães, tias, irmãs casadas e mulheres mais velhas da comunidade indígena.
Quem aprende?	Wytyk skyry: Meninas Rikbaktatsa, logo após a primeira menstruação.
O que ensinam?	Como fazer uma <i>zamata</i> ³ a partir do tecer de linhas de algodão colhido na roça e manejado para produzir fios que serão enrolados em bolas para fins definidos, como o tecer da <i>zamata</i> .
	Como fazer colares, brincos ou pulseiras de sementes, de tucum, anajá, da espinha do peixe, da couraça do tatu, entre outros
	Como retirar o barro no córrego para fazer panela e utensílios
	Como fazer panela e outros utensílios de barro
Como ensinam?	A mãe trança as linhas para fazer o artefato, a criança observa, depois é a vez da criança trançar as linhas no tear e a mãe observa para ver se houve aprendizado, depois verifica passo a passo, caso esteja correto a criança ganha linhas e seu <i>hui</i> ⁴ para tecer sua própria <i>zamata</i> . Caso esteja feio, a mãe não fala em erros, usa sempre feio ou bonito, bom ou ruim. Estando ruim ela desmancha e explica de novo e pede, em seguida, que a filha faça novamente. Ao aprender, a mãe pergunta: - você está alegre?

³ Suporte confeccionado a partir da tessitura de linhas de algodão coloridas para carregar a criança próxima ao corpo da mãe, enquanto essa trabalha, caminha ou cozinha.

⁴ Um artefato usado como tear feito de madeira rústica para tecer a linha para fazer a *zamata*.

	<p>Vão todas para o mato, para o córrego, ou para o local onde tem o produto, colher os materiais necessários. Sentam todas juntas. O que as mais velhas fazem, as aprendizas repetem, lixam as sementes, perfuram, reservam de acordo com espécie, tamanho e cor. Perfuram e guardam. Torcem a embira⁵. Cortam a couraça, lixam dando forma ou alisam a depender do destino.</p>
	<p>Mostram o local onde tem o barro “bom”, orientam que não podem usar metal para retirar o material, cortam uma vara comprida, de 5 a 10 cm de diâmetro e de 1 a 1,5 m de comprimento. Em equipe, as mais velhas retiram todo barro de cima e, depois, com a vara, perfuram todo o fundo para localizar o “barro bom”. As mais velhas entram no barreiro e as aprendizas ficam a princípio fora observando as ações das primeiras. Retiram o material, forram o fundo e as laterais dos xires⁶ com folhas de pacova⁷ acondicionam o barro, as mais novas fazem o mesmo e retornam para a aldeia.</p>
	<p>Sentadas em grupos no chão, retiram o barro do xire, amassam o barro, formatam rolos de acordo com o tamanho da panela, vão modelando, colocando em círculos, uma parte em cima da outra do rolo de barro. Depois modelam, alisam e põem para secar de 3 a 4 dias. Após os dias de secagem ao sol, faz-se uma grande fogueira de bamu²⁴, colocam-se as peças confeccionadas para “cozinhar” por cerca de muitas horas. Depois, as peças são retiradas e deixadas a esfriar, para lavar e usar. As mais novas observam as mais velhas e, ao sinal dessas, passam a confeccionar sua peça que será avaliada. As aprendizas vão seguindo as orientações passo a passo, intercalando teorias com a prática e apresentando os resultados. Durante esse aprendizado, as anciãs e as mães vão orientando o que pode e o que não pode, revisitando os mitos e ritos na arte de se manipular o barro.</p>
Onde ensinam?	No espaço do lado de fora da casa, com a utilização de um artefato de madeira chamado <i>hui</i> , confeccionado pela mãe.
Espaço socioeducativo	Dentro da mata, na beira de córregos; na ilha e após recolhido o barro, na frente das casas das famílias.
	Na parte detrás da casa, sentadas em grupos.

Fonte: LOBATO, 2020

A verificação do aprendizado é feita quando, em uma ocasião futura, o aprendiz difunde seu conhecimento a outro aprendiz. Avalia-se a instrução ou o produto do aprendizado e esse pode ser recompensado com a troca do nome, com um casamento ou com um lugar de liderança na comunidade em uma das Festas que pode ser da cheia ou da seca das águas. Esse processo fora da família, sob tutela de um ancião que pode ser o avô, um tio sênior ou um ancião do grupo

⁵ Fibra utilizada para enfiar as sementes e os canudinhos de tucum ou anajá na confecção de colares e pulseiras.

⁶ Cesto confeccionado com palhas de palmeiras para transportar produtos coletados na mata, no córrego, no rio e etc.

⁷ Pacova que é o nome popular dado a uma espécie vegetal que é cientificamente chamada de *Philodendron Martianum*. Essa planta também é popularmente conhecida como filodendro, babosa de árvore ou babosa de pau e ainda há uma espécie conhecida por bananeira.

dos mais experientes se configura no início da adolescência e perdura até o casamento do aprendiz, contudo tem seu começo com o pai e a mãe no seio familiar.

Cada ensinamento está ligado a uma subestrutura da macroestrutura da Educação Indígena, a qual é berço dos costumes e cultura do povo Rikbaktsa, ao sustentar sua alteridade difundindo saberes/fazeres de geração em geração, desenvolvendo estratégias próprias de sobrevivência e transcendência de forma que, segundo Melià,

os povos indígenas sustentaram sua alteridade graças a estratégias próprias, das quais uma foi precisamente a ação pedagógica. Em outros termos, continua havendo nesses povos uma educação indígena que permite que o modo de ser e a cultura venham a se reproduzir nas novas gerações, mas também que essas sociedades encarem com relativo sucesso situações novas (MELIÀ, 1979; p. 21 e 22).

Segundo Lobato, (2020 p.63) “na Cultura Rikbaktsa, os meninos maku skyry aprendem em espaços, lugares e tempos diferentes das meninas e seus mestres são outros diferentes das meninas wytyk skyry”. Esse fato pode ser visto no quadro 2 que apresenta os aspectos gerais da aprendizagem dos meninos, com base em quatro dos variados e não restritos espaços socioeducativos do povo Rikbaktsa.

Quadro 2: Pedagogia Rikbaktsa – Amostra do processo de ensino e de aprendizagem dos homens Rikbaktsa

Quem ensina?	Avôs, pai, tios, irmãos mais velhos e homens adultos da aldeia.
Quem aprende?	Maku skyry: Filhos Rikbakta na idade entre 12 a 14 anos;
O que ensinam?	Como fazer o remo e a canoa;
	Como fazer o arco e a flecha;
	Como fazer um cocar;
	Como fazer o suporte do cocar (arco).
Como ensinam?	O aprendiz acompanha, passo a passo, desde a escolha da madeira na mata, com base no diâmetro e na idade da planta que deve ser uma cerejeira que não esteja ocada até a feitura e o arrasto até ao rio da canoa, onde a criança irá aprender também a remar. Isso pode durar de uma a três semanas. As explicações são dadas e demonstradas, se algo não ficou claro, a criança pergunta, o pai responde e depois pede para o filho repetir o que ouviu. Na sequência, ele pede para que a criança identifique a árvore ideal para fazer a canoa e na sequência o remo que pode ser feito de uma madeira mais leve;

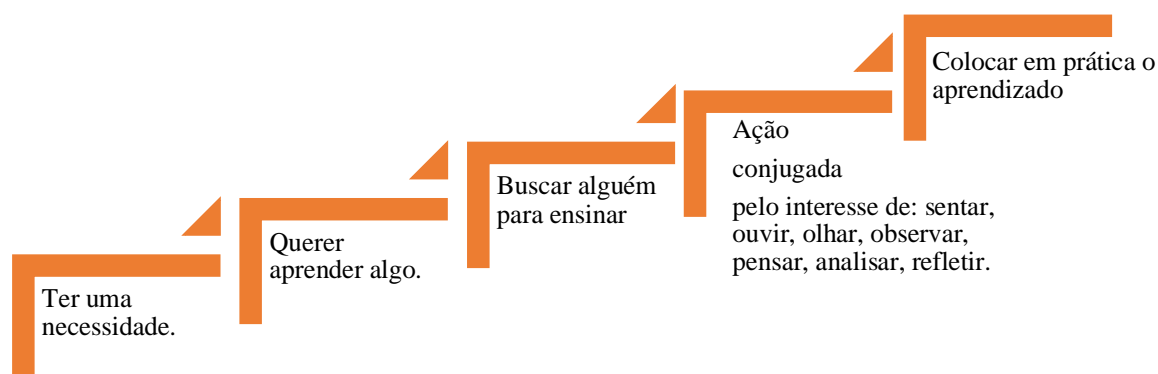
	<p>Vão todos ao mato buscar a ponta da flecha, depois em outro tempo, a planta que faz a flecha e, posteriormente, o pau que será colocado no fogo para extrair a cera que liga/cola a ponta ao bambu que, após ser amarrada com uma linha forte, fabricada a partir de uma fibra que é reforçada com a cera. Em outro momento, retira-se a seriva que será preparada para fazer o arco e a retirada da fibra com a qual será tecida a corda do arco. À medida que ensinam, vão falando os nomes das matérias-primas na língua materna para o aprendiz;</p>
	<p>Os aprendizes acompanham os mais velhos à mata para apanhar os pássaros. Nesse processo, lhes são ensinados como assobiar para atrair o pássaro desejado, como esperá-lo na árvore certa, como fazer a armadilha e como preparar o local da espera em cima da árvore para não se acidentar, como tirar as penas do animal, como selecionar os grupos de penas, quantificar para garantir a beleza da peça pela simetria entre as penas que formarão o cocar;</p>
	<p>Vão ao córrego e mostram de qual planta retira-se a fibra para trançar o arco que servirá de suporte para as penas do cocar. Retiram-na e retornam com a caninha do brejo. Corta-se bem fino, numa espessura em milímetros. Após o corte, começa-se a trançar as tiras, depois forma-se um arco com o diâmetro proporcional à cabeça do dono do cocar. Cada um precisa fazer o seu. À medida que vai fazendo, vai mostrando ao mestre, que aprova ou desaprova com um gesto, sorriso ou com um toque para quem aprende.</p>
Onde ensinam?	Dentro da mata, depois dentro do rio;
Espaço socioeducativo	No mykyry (casa de aprendizagens dos homens);
	Na parte da frente da casa, sentados, em grupos de duas ou mais pessoas.

Fonte: LOBATO, 2020.

O conhecimento no universo pedagógico do Rikbaktsa traz uma ação educativa das meninas, em sua casa, com sua mãe enquanto o processo de ensino e de aprendizagem do menino se inicia com o pai em seus espaços socioeducativos fora da casa. Essa pedagogia não acontece aleatoriamente. Trata-se de um processo organizado, em que o pai, a mãe e a comunidade sabe exatamente o que deve fazer no dia a dia para produzir *Rikbakta/Maku* (Ele/homem), *Rikbaktatsa/Oke* (Ela/Esposa).

O formato dessa pedagogia original assume uma configuração que, a princípio, foi percebida por nós com essa estrutura:

Figura 2: A Configuração do Processo de Ensino e Aprendizagem dos Rikbaktsa



Fonte: LOBATO, 2020.

O aprender é fruto da necessidade do(a) aprendiz e não do desejo de ensinar do mestre. O aprendizado centra-se nas ações apresentadas na Figura 2: A Configuração do Processo de Ensino e Aprendizagem dos Rikbaktsa. No entanto, a cada dia, refletimos que poderá ser organizada de uma outra forma a partir de uma espiral⁸. Situação que fica aberta para outras pesquisas nesse campo. Isso não é uma afirmação, e sim uma das possibilidades que precisa ser estudada.

Nessa abordagem, a Pedagogia Rikbaktsa dialoga com os pensamentos dos autores da Educação Etnomatemática, os quais convergem com a compreensão Freiriana ao afirmar que: “A pedagogia aceita a sugestão da antropologia: impõe-se pensar e viver “a educação como prática da liberdade” (FREIRE, 2005, p. 25). Para Meliá (1979, p. 10), “a educação indígena permite, um alto grau de espontaneidade o que facilita a realização dos indivíduos dentro de uma margem de muita liberdade. Tais concepções caminham numa mesma direção, cujas teorias alicerçam a organização estrutural que situa a Pedagogia Rikbaktsa num lugar de contexto epistemológico.

1.4 Os espaços socioeducativos do povo Rikbaktsa

Vivenciar o cotidiano do povo Rikbaktsa em variadas ações do seu cotidiano, agindo naturalmente em seu ambiente social/cultural/natural trouxe-nos a capacidade de perceber a sintonia que há entre o ser, o saber e o fazer de forma sincronizada, em que cada manejo de um artefato está ligado a um conhecimento, adquirido por um ancestral que difundiu saberes de geração em geração. Nesse sentido,

os espaços socioeducativos são campos férteis dos saberes e fazeres ora experienciados consigo, com o outro e com o ambiente social/natural/cultural. Neles, foram configurados conhecimentos milenares que se desenvolveram numa dinâmica processual que possibilitou descobrir, conhecer, experimentar, observar, compreender, explicar, desenvolver, memorizar, sistematizar, transformar, utilizar e

⁸ A possibilidade aqui seria a sequência de Fibonacci. Leia mais em: <https://super.abril.com.br/mundoestranho/o-que-e-a-sequencia-de-fibonacci/>

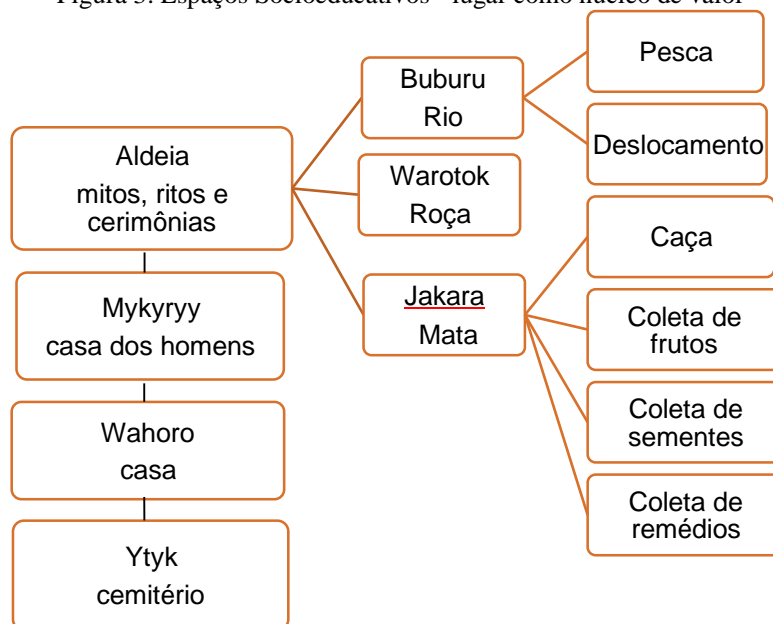
difundir, em um movimento que D’Ambrósio (2017) denominou de geração, sistematização e difusão de saberes e fazeres (LOBATO, 2020; p. 65).

O saber/fazer de um artefato, geralmente, está ligado a um mentefato que, simbolicamente, liga o homem à natureza, permeando-lhe de sentidos que se materializam por este sujeito que se concebe como corpo, alma e espírito. Ao mesmo tempo, mito, rito e cerimônia são espaços que tipificam essa ligação de homem-natureza que se vê como um único ser que ganha vida pela extensão que um é do outro, por isso a aprendizagem só tem significado se for em um determinado espaço socioeducativo que corrobora para um determinado fim. De acordo com esse pensamento, D’Ambrosio afirma que:

Embora a dinâmica cultural esteja presente, não há como e ao há porque esconder dos indígenas o que de melhor e mais avançado há no nosso complexo de conhecimentos, de saberes e de fazeres, a sua assimilação pelos indígenas só se fará na plenitude de sua criatividade, motivação e interesse — interesse focalizado a partir de seu entorno natural, social e cultural (D’AMBRÓSIO, 1994; p. 98).

Nessa dinâmica cultural, os espaços socioeducativos Rikbaktsa foram sedimentados à medida que se transformaram em lugar de contexto, configurando-se pelas práticas do povo à medida que desenvolviam a pedagogia original. A configuração abaixo, figura 3, apresenta a materialização de artefatos e mentefatos, por meio da resolução de problemas para atender a uma necessidade específica e o envolvimento em ritos, mitos e cerimônias nos espaços socioeducativos.

Figura 3: Espaços Socioeducativos - lugar como núcleo de valor



Fonte: LOBATO, 2020.

Tais espaços apresentados na figura 3 estão correlacionados com as aprendizagens necessárias atinentes aos saberes originais e aos fazeres tradicionais. Estes são congruentes com a pedagogia original e oriundos da Educação Indígena. A configuração apresentada liga os espaços socioeducativos com as atividades desenvolvidas em cada lugar como núcleo de valor: o ato de pescar, coletar sementes, conhecer os remédios do mato, o local onde eles estão e para que servem. Caçar, deslocar-se no rio e a cada problema buscar conhecimentos, enxergando nessa busca a necessidade de se apropriar do conhecimento, em uma construção contínua e abundante, experienciando com quem ensina a grandeza de aprender o que não sabe.

Por outro lado, o desenvolvimento da pedagogia original consolida-se quando o aprendiz deseja aprender para atender à uma necessidade específica que gera a saída da anomia para a autonomia, ao se apropriar de conhecimentos que fazem do menino, da menina indígena adultos competentes, verdadeiros Rikbaktsa, porque foram conduzidos desde crianças pelos espaços socioeducativos que os transformaram pelos saberes adquiridos em teóricos porque sabem explicar a natureza cognitiva da aquisição dos saberes e pela prática, concretizar pelos fazeres o que lhes foram ensinados nestes espaços.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa proporcionou a percepção de aspectos interessantes e singulares da cultura do povo Rikbaktsa no que se refere aos saberes originais e fazeres tradicionais apresentados neste artigo. A imersão de caráter etnográfico deu condições para a produção dos dados explicitados e nos direcionaram para a estrutura que apresentamos da Pedagogia Rikbaktsa nos espaços socioeducativos desse grupo indígena.

No nosso entendimento, a pedagogia fornece elementos essenciais para servir de porta de entrada às mais variadas metodologias que se queira utilizar como base do processo de ensino e de aprendizagem, porque se coaduna com caminhos procedimentais que asseguram aprendizado efetivo.

O caminho percorrido para a produção de dados nos fez perceber que a Pedagogia Rikbaktsa utiliza metodologias ativas que conduzem passo a passo o fazer que é fruto do saber, dando subsídios que garantem a apropriação do conhecimento teórico-prático, ao assegurar que o aprendiz de hoje seja o que ensina amanhã, por meio da geração do conhecimento, organização do pensamento e difusão de saberes e fazeres originários.

A manutenção da cultura é certificada pelos seres que aprendem e praticam o que aprenderam, para resolverem seus problemas cotidianos, dando respostas às dificuldades de natureza

individual ou coletiva, mas a solução reside no cerne dos saberes e fazeres tradicionais, legitimando o ser cognoscente que lança mão do que sabe, para resolver o que desconhece, numa dinâmica que envolve ação-reflexão-ação.

O (a) aprendiz indígena tem a liberdade de aprender e exercitar seu aprendizado da maneira que desejar. Ele (a) é quem determina se quer aprender, o que quer aprender e quando quer aprender, contudo, lhe é oferecido cotidianamente a oportunidade da aprendizagem que consiste em um período que envolve a primeira infância, a fase adulta, a velhice, a morte e transcende à outra dimensão.

Os Rikbaktsa são eternos aprendizes de sua cultura. A aprendizagem está vinculada à necessidade de algo que motiva o desejo de aprender. Toda a aprendizagem está centrada numa necessidade, por isso, não se aprende se não se tem uma razão, uma motivação imbricada para atender a uma situação ainda que seja momentânea ou de caráter permanente.

O ensinar está interligado a um ato de amor, de preservação de continuidade, mas que não obriga o(a) aprendiz a se submeter a esse aprendizado, no entanto, quem quer aprender precisa ter essa decisão autônoma. O interesse parte de quem quer aprender e não de quem quer ensinar.

O ato de sentar para ouvir marca a iniciação de quem quer aprender e atribui a responsabilidade a quem ensina de efetivar o ensino. Todas as vezes que alguém senta para aprender é necessário que a sua necessidade de aprendizagem seja atendida.

Os sentidos básicos estão a priori a serviço da iniciação do(a) aprendiz que deve antes de tudo: ver com olhos vigilantes, ouvir com ouvidos atentos, sentir com reflexos prudentes, cheirar com perspicácia e provar com distinção cautelosa.

A apropriação desses sentidos reside no exercício ininterrupto de observar seu instrutor, de persistir, duvidar sempre e de experimentar para certificar-se. Aliar-se com outros, prestar atenção em gestos, expressões, sons e silêncios que falam. Nesse processo de aquisição do conhecimento, defendemos a ideia de ressignificação da cultura e não de perda, de evidenciar e não de resgatar.

Em nossa compreensão, a pedagogia Rikbaktsa deve dialogar com a pedagogia escolarizada, servindo de ponto de partida para potencializar a formação dos estudantes Rikbaktsa de todos os níveis da educação básica que optem pela escola para formalizar seus conhecimentos a partir da estrutura institucionalizada, com o viés da releitura, da ressignificação, para evidenciar os saberes/fazeres originários.

Ao compreender como o sujeito Rikbaktsa pensa, aprende e ensina numa relação de saberes e fazeres que se estruturam nas vivências com o outro, permeado pelas suas experiências no seu ambiente natural/social/cultural, a escola, inserida nas aldeias Rikbaktsa, poderá utilizar da Educação Etnomatemática para evidenciar e ressignificar esse modo próprio que constitui os processos de ensino e de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, R. S. V. **Os Rikbaktsa: Mudança e Tradição**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, 1992.

_____, R. S. V. **Rikbaktsa, os canoeiros do Rio Juruena**. Margem (PUC-SP). São Paulo: nº17, p. 99-102, 2003a.

_____, R. S. V. Representação e participação indígena nos processos de gestão do “campo indigenista”: Que democracia? **Revista Anthropológicas**. v. 14, n. (1+2), p. 35-45, 2003b.

ATHILA, A. R. **“Arriscando corpos”**: Permeabilidade, alteridade e as formas de socialidade entre os Rikbaktsa (Macro-Jê) do sudoeste Amazônico. 2006. 509f. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CASTRO, E. V. **Araweté: Os Deuses Canibais**. 1986. Rio de Janeiro: Zahar/ANPOCS, 744.

D’AMBROSIO, U. **Etnomatemática: Elo entre as tradições e a modernidade**. 5ª ed.; 2. Reimp. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2017.

_____, U. **Transdisciplinaridade**. 2ª ed., São Paulo, SP: Palas Athena, 2009a.

_____, U. A etnomatemática no processo de construção de uma escola indígena. **Revista: Em Aberto**, Brasília, ano 14, n.63, jul./set. 1994.

DORNSTAUDER, J. E. **Como pacifiquei os Rikbaktsa**. Pesquisas, v. 1, n. 17, p. 1193, 1975.
ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. Etnografia: saberes e práticas. **Revista Iuminuras: Publicação eletrônica do Banco de Imagens e Efeitos Visuais**, v. 9, n. 21, 2008.

FANTINATO, M. C. Reflexões sobre o processo de pesquisa em etnomatemática: análise de uma experiência em contexto urbano. **Horizontes, Bragança Paulista**, v. 22, n. 1, p. 43-51, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro. Paz e terra, 42 ed. 2005.

_____, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, 1967. 157 p.
HAHN, R. A. **Categorias Rikbaktsa de Relações Sociais: uma análise epidemiológica**. 1976. Tese (Doutorado em filosofia), 1976b. Tradução para o português de autor desconhecido e publicação autônoma.

LOBATO, E. A. **A Etnomatemática como elo entre a Pedagogia Rikbaktsa e o Espaço Escolar**. 2020. 182f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) - Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT - Campus Dep. Est. Renê Barbour de Barra do Bugres/MT.

MELIÀ, B. **Educação indígena e alfabetização**. São Paulo: edições Loyola, 1979.

NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.

PIRES, P. W. L. **Rikbaktsa**: Um estudo de parentesco e organização social. São Paulo: Humanitas, 2012.

RODRIGUES, A. D. **Línguas indígenas brasileiras**. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013. 29p. Disponível em: <<http://www.laliunb.com.br>> Acesso em: 25 maio 2018.

SILVA, A. A. **Os artefatos e mentefatos nos ritos e cerimônias do Danhono**: por dentro do Octógono Sociocultural A'uwẽ/Xavante. 2013. 346f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”. Rio Claro – SP.

VERGANI, T. **Educação Etnomatemática**: o que é? Ed. Flecha do Tempo. Natal, 2007.

Recebido em: fevereiro de 2021.

Aprovado em: abril de 2021.

Como citar este trabalho:

LOBATO, E. A.; SILVA, A. A. A Pedagogia Rikbaktsa em diálogo permanente com seus espaços socioeducativos. **Zeiki**, Barra do Bugres, v. 2, n. 1, p. 66-82, (2021).